

# **PERCEPÇÃO DOS CONSUMIDORES SOBRE A COMPRA E CONSUMO DE PESCADO DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO MUNÍCIPIO DE BELÉM DO PARÁ**

30° Zootec, 1<sup>a</sup> edição, de 10/05/2021 a 14/05/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-12-8

**OLIVEIRA; Geisy Corrêa de<sup>1</sup>, CODEIRO; Carlos Alberto Martins<sup>2</sup>, OLIVEIRA; Joicy Corrêa de<sup>3</sup>, CORRÊA;  
Jane Débora Ferreira Corrêa<sup>4</sup>**

## **RESUMO**

Desde o primeiro caso confirmado de coronavírus (sars-CoV-2) no Brasil, surgiram muitos questionamentos sobre a possibilidade das superfícies de embalagens e dos alimentos frescos servirem como fômites de partículas viáveis do coronavírus. A incerteza sobre as formas de transmissibilidade do vírus forçou a mudança de hábito de muitas famílias no qual a lavagem e desinfecção dos alimentos pós compra virou rotina. Alimentos como hortaliças, frutas e o pescado que são comumente adquiridos frescos em feiras ao ar livre poderiam ser os produtos mais impactados pela pandemia. Assim, o presente estudo objetivou compreender a percepção do consumidor sobre a compra e consumo de pescado durante a pandemia do coronavírus no município de Belém do Pará. Entre os meses de novembro 2020 a janeiro 2021 foram aplicados 100 formulários online composto por 10 perguntas objetivas sobre o assunto. Os dados coletados foram submetidos a análise descritiva pelo programa excel do pacote office pertencente a empresa Microsoft®. A partir das respostas obtidas foi possível observar que as mulheres (65%) formaram a maioria dos entrevistados, possuindo escolaridade superior incompleta (64%). Quando questionados sobre a renda familiar 58% alegaram possuir renda de até dois salários-mínimos. Quando perguntados sobre qual era a frequência de consumo semanal de pescado antes da pandemia 54% afirmaram que o consumo ocorria apenas durante um dia da semana, e que no decorrer da pandemia essa frequência não foi alterada (65%). Durante a pandemia 47% dos entrevistados apontaram que a feira livre foi o principal local de compra do pescado, sendo possível verificar que nesses locais foram adotadas medidas para proteger o alimento da exposição ao ar livre (68%), além de observarem que nestes estabelecimentos os manipuladores adotaram medidas de prevenção contra o coronavírus como o uso de máscaras, luvas e álcool em gel (83%). Já sobre a possibilidade do pescado poder transmitir o coronavírus através de partículas viáveis obtidas por meio do contato com ar ou pelas mãos contaminadas de outras pessoas 81% dos entrevistados afirmaram não acreditar nesta probabilidade. De acordo com este estudo, o consumo de pescado não sofreu rejeição pelo consumidor, e isto pode estar relacionado com a carne de peixe ser considerada como uma das mais saudáveis o que ajudaria na manutenção da saúde humana, um aspecto importante durante o enfrentamento de uma pandemia. Outro fator que pode ter ajudado na continuidade da compra e consumo do pescado foi o consumidor observar que nos locais de venda os manipuladores respeitaram a recomendação dos órgãos de saúde com uso de equipamentos de prevenção, e procuraram proteger o alimento contra uma possível exposição. Estas atitudes demonstraram segurança ao consumidor que continuaram a manter hábito de compra do pescado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquicultura e piscicultura, consumo, coronavírus, pescado

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Ciência Animal - Universidade Federal do Pará (UFPA), geisy.olive@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Instituto de Estudos Costeiros - Universidade Federal do Pará (UFPA), camcordeiro2006@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Engenharia de Alimentos - Universidade Federal do Pará (UFPA), joicyo90@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em Medicina Veterinária- Universidade Federal Rural Da Amazônia (UFRA), medvetjane@gmail.com